



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GIVANILDO MARCOS DA SILVA

(entrevista)

Petrolina, PE

2022

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA



Legenda: Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita: Givanildo Marcos da Silva, e Hallends Jonhson Almeida Gardel.

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiárido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

Número da entrevista: E-977

Nome do entrevistado: Givanildo Marcos da Silva

Local da entrevista: Colegiado de Educação Física da Univasf - CEFIS

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Hallends Jonhson Almeida Gardel

Data da entrevista: 12/05/2022

Transcrição: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Copidesque: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 01 hora, 20 minutos e 37 segundos.

Páginas Digitadas: 27

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVA, Givanildo. Entrevista concedida por Givanildo Marcos da Silva ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadores: Profa. Dra. Christiane Garcia Macedo e Hallends Jonhson Almeida Gardel. UNIVASF, UFRGS, PETROLINA (PE), 12 mai. 2022, 30 p.

SUMÁRIO

Apresentação do entrevistado; Função na APA Petrolina; História com o esporte; História da Samira Brito; Fundação da APA; Jogos escolares no SESI; Contexto do esporte na região do Vale do São Francisco na época da fundação da APA; Importância do Professor Marciano para o atletismo na região; Principais apoios, desafios e dificuldades para a fundação da APA; Locais dos primeiros treinos; Primeiros atletas treinados pelo entrevistado; Principais conquistas esportivas; Relação entre a organização da APA e as primeiras conquistas; Histórias mais marcantes de atletas; Posição da APA no cenário nacional; Organização das rotinas de treino; Treinadores e suas modalidades; Atletas em melhores posições no ranking; Situação da APA em relação à clubes de outras regiões mais desenvolvidas; O que a APA representa para o entrevistado e qual a contribuição para sua vida pessoal e profissional; Considerações finais.

Petrolina (PE), 12 de maio de 2022. Entrevista com Givanildo Marcos da Silva (G.S.) a cargo dos pesquisadores Profa. Dra. Christiane Garcia Macedo (C.M.) e Hallends Jonhson Almeida Gardel (H.G.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C.M. – Givanildo, primeiro te agradecer demais sua presença aqui, por ter disponibilizado seu tempo, para ajudar na pesquisa, por contribuir com a história do esporte aqui na região, a gente ainda tem poucas pesquisas e registros da organização esportiva, dos nossos atletas, então muitíssimo obrigada.

H.G. – Mais uma vez obrigado pela presença do professor aqui, por disponibilizar o seu tempo e seu conhecimento, um pouco do seu trabalho voltado pra APA¹, a gente fica muito grato. Eu peço para o senhor se apresentar primeiramente, pode se apresentar, por favor?

G.S. – Meu nome é Givanildo Marcos da Silva, sou formado em Educação Física, sou licenciado e bacharel, trabalho na área de atletismo e natação e recebi esse convite de vocês para estar aqui e para contribuir no que for possível.

C.M. – Qual a sua função na APA?

G.S. – Na APA eu sou treinador e um dos diretores da APA Petrolina, depois que nós passamos a organizar, onde precisava fazer essa organização completa, a gente fez a distribuição dos cargos de tesoureiro, diretor, presidente e eu fiquei como primeiro diretor da APA Petrolina e fomos desenvolvendo esse trabalho.

C.M. – Desde quando você é diretor?

G.S. – Tenho um ano que eu sou diretor, teve agora uma eleição, eu era segundo suplente e agora passei a ser diretor da APA.

H.G. – Qual a sua história com o esporte?

G.S. – Desde de criança eu era envolvido com as atividades físicas, fui atleta de futsal de futebol de campo, mas até então era só isso, eu não tinha esse pensamento em me tornar professor de educação física e até gostava de academia na época que a gente se empolga com a musculação, fui convidado por colegas para fazer o curso, mas não dei muita importância e num determinado momento eu trabalhava no SESI Petrolina e fiquei sabendo que abriria um curso de Educação Física aqui na cidade, a Univasf² já tinha chegado, mas era muito difícil para passar e cursar na Univasf, e aí eu decidi fazer o curso de educação física particular. Comecei na primeira matéria e me apaixonei pelo curso, peguei logo a matéria de recreação, onde um professor fez um projeto e eu me apaixonei por esse projeto, fomos dar uma aula em Sobradinho, numa escola bem carente, e aí eu percebi que gostava disso, comecei a me interessar mais e me dedicar ao curso e graças a Deus nunca fiquei em nenhuma matéria no curso, terminei em tempo hábil, no tempo certo. Durante o curso eu conheci a APA, comecei o curso em 2011, e a APA começou a fazer os treinamentos no Sesi e eu trabalhava de vigilante de plantão, trabalhava um dia e folgava outro e quando eu estava de serviço, deixava um vigilante na portaria e corria para ver os meninos treinarem e aí eu tive muita facilidade, porque eu tinha lá os melhores profissionais da educação física que eu tinha conhecimento, Professor Luciênio³, no futsal, Professor Josué⁴ e Professor Edvaldo⁵, na natação, professora Ana Gloria⁶, na academia, e fiquei aprendendo, passava como vigilante fazendo a ronda e ficava o resto do dia observando, via Marcão⁷, do handebol, Raimundo⁸, do basquete, um celeiro de profissionais muito bons, que nas suas escolas dão show e sempre estão nos jogos escolares fazendo campeões e fui me apaixonando e num dia, terminando a faculdade, passando por aquele período de conclusão de curso, sem tempo pra treinar, sem tempo pra nada, fui a 97 kg e perguntei ao professor Marciano⁹ se eu podia vir nos dias de folga fazer uma caminhada com os meninos, ele permitiu e eu comecei a correr, comecei a perder peso, em torno de vinte quilos, e Marciano perguntou se eu queria fazer uma viagem para uma competição que iria ocorrer em Recife, e eu comecei a ajudar ele, a aprender e daqui a

¹ Associação Petrolinense de Atletismo.

² Universidade Federal do Vale do São Francisco.

³ Luciênio Pedro.

⁴ Josué Ribeiro.

⁵ Edvaldo Gomes.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Marciano Pereira Barros.

pouco ele percebeu que eu tinha o perfil para treinador e me disse: “Giva, vou te dar um atleta para você ficar treinando”, e me deu a Nanilza¹⁰, atleta amputada de membros superiores e comecei a trabalhar com ela e foi dando certo e o saldo daquela “invenção” de Marciano foi ir pra essa competição. Estava acostumado a ver poucos paratletas, e quando cheguei em Recife visualizei aproximadamente 300 atletas paraolímpicos e fiquei impressionado de como as pessoas buscavam tanta força, lá eu observei deficiências de todos os tipos, pessoas com uma perna só, pessoas sem perna e eu me apaixonei [emoção]. Voltei de Recife querendo continuar com esse trabalho e Marciano me disse que estava chegando o paratleta “Mocotó”¹¹, que teve um acidente quando era criança e perdeu um membro, e que eu iria trabalhar com ele e com a Nani e eu comecei. A Nani chegou para trabalhar com o professor Marciano nas provas mais longas e eu sugeri, pela sua explosão, colocá-la nas provas de 100m e 200m, e ele concordou em colocar nas provas de 100m, 200m e 400m. Ela chegou acima do peso, através de um trabalho específico eu a coloquei no peso necessário e a mulher virou recordista das três provas, 100, 200 e 400m, no estadual. O Mocotó foi primeiro lugar na competição de dardo, sem nem saber trabalhar com um atleta cadeirante, que fazia seus lançamentos de uma cadeira, através de uma adaptação. Voltei maravilhado, formei e continuei com a Samira¹², a Mirela¹³, o Lucas¹⁴, e mais alguns atletas, o marido da Nani treina atualmente comigo, a Nani já não treina mais comigo, a gente não deu certo, ela é muito temperamental e eu pior ainda e a gente a determinado momento que não deu pra trabalhar com ela, cada um foi para o seu lado, mas a amizade continuou, só não deu para trabalharmos juntos, mas hoje eu treino o marido dela, o Vanderson¹⁵. Depois Marciano me procurou e disse para trabalharmos para crescer a instituição e eu disse vamos sim e passei a trabalhar no SESI um dia e o outro eu vinha para dar aula, mas no dia que eu estava de serviço ficava lá passando o treino para os meninos, ficava em jornada dupla, prestando consultoria. Um menino dizia “Ê vigilante, você é vigilante ou professor” [risos], eu dizia: “fica quieto aí”. Eu passava o treino dos meninos e ficava de longe olhando, só aparecia na coordenação e onde eu deveria estar depois que todos os alunos iam embora, nesse momento eu voltava para a minha vida

¹⁰ Nanilza Venceslau, conhecida também como Nanny.

¹¹ Erisvam Raimundo da Silva.

¹² Samira Brito.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

normal no plantão. O CPB¹⁶ começou a dar alguns cursos, fiz o curso de treinador nível 1, onde comecei a dar uma melhorada no conhecimento, tivemos na Univasf o curso de treinador, da CBA¹⁷, que também trouxe um grande conhecimento, teve o mini atletismo, que foi uma parceria do SESI e Univasf, no qual acontecia as aulas teóricas na Univasf e as práticas no SESI, foi um curso maravilhoso, a partir disso o conhecimento foi melhorando e eu decidi que queria seguir nesse caminho. O SESI, em 2019, com a pandemia, me desligou após 16 anos de serviços prestados. Eu já estava formado e com o CREF, podendo responder pelos meus atletas. Eu já tinha um projeto no Bairro Terra do Sul, possuía um terreno grande e fiquei pensando onde eu conseguiria emprego durante a pandemia, e se eu ficar com esse dinheiro que recebi da rescisão parado, daqui a pouco eu não vou ter um real no bolso, eu já tinha essa ideia de fazer um clube de natação e resolvi meter a cara, momento em que minha mãe disse que eu era doido, minha esposa disse “Giva vai embora, siga o que está na sua cabeça que vai dar certo”. Meti a cara e graças a Deus estamos trabalhando com nata o há um ano e três meses, inaugurei em 03 de janeiro de 2021, graças a Deus o projeto está de vento em polpa, hoje atendo cerca de 80 a 90 alunos por mês, tem uma queda, mas fica nessa faixa de 70, 80 e 90 alunos. Trabalhei no Auxiliadora¹⁸ durante o tempo que estava no SESI, o Professor Natanael precisou fazer o mestrado e ele disse que precisava de um substituto pra ficar no Auxiliadora com carteira assinada, eu tinha dificuldade devido ao meu trabalho no SESI, que era por escala, mas foi dado um jeito e passei 2 anos trabalhando no colégio, já gostava da área de nata o e trabalhando l  com crianças foi que gostei mais ainda e percebi também queria aquilo e as coisas foram se encaixando e foi dando certo. Estamos aqui nessa correria com a Samira, mudamos as provas, ela fazia os 200 e 400m e eu falei com Marciano pra mudá-la de prova porque depois de um tempo na prova ela rende menos, e foi feito um teste para aproveitar o desempenho inicial da atleta, comecei a treiná-la para provas de velocidade e no primeiro ano ela foi muito bem, foi campeã do regional aqui e em São Paulo ela foi segundo lugar. E eu disse essa   a prova. Apliquei um trabalho bacana nela, ela perdeu um percentual de gordura, fizemos um trabalho bem legal com a musculatura dela e quando ela foi para o regional de 2018 teve o melhor  ndice técnico da competi o, nesse momento o CPB levantou um interesse nela que até então não existia, ela ia pra lá fazia as provas, sempre em segundo lugar, foi vista com outros olhos e recebeu um convite para uma competi o l 

¹⁶ Comit  Paralímpico Brasileiro.

¹⁷ Confedera o Brasileira de Atletismo.

e fizemos um trabalho aqui e quando chegou era a principal atleta da classe dela no país. Foi convidada para fazer a seletiva para as paraolimpíadas de Tóquio, quando chegou lá ela correu demais, hoje ela é a principal atleta da categoria no Brasil, a quinta melhor do mundo, tem a Chinesa que foi campeã e teve a vice, o tempo que ela fez agora em São Paulo já bate o tempo da segunda colocada. Ela é a melhor do Brasil nos 200m e nos 100m, no mundo ela está no quinto lugar, mas com os tempos que ela fez vai entrar mais ou menos em terceiro no ranking mundial. Estamos esperando uma convocação para Marrakech¹⁹, para uma competição paraolímpica e com certeza ela estará lá, não sei se eu vou como treinador porque o CPB tem os próprios treinadores, eles pegam os atletas e levam os treinadores que eles têm.

H.G. – Qual a deficiência da Samira?

G.S. – Ela é paralisada cerebral. Nós temos vários tipos de paralisados, que começa com a classe T35, recebe um “T” de “track”, que significa corrida, T35, T36, T37 e T38 de paralisados cerebrais, T35 é o atleta de pista com mais dificuldade e vai aumentando, sendo que o T38 é quase não nota, o marido da Nani é 38, é muito leve, tem apenas uma pequena atrofia no braço, na fala não percebe nada, a Samira, que é T36, tem uma dificuldade na fala, T35 tem bastante, T37 já consegue entender muita coisa e o T38 quase não tem sequelas, as vezes tem, mas é muito difícil.

C.M. – Você não estava na fundação da APA, não é?

G.S. – Não. Eu cheguei na APA em 2014 como assistente, em 2015 foi onde realmente eu comecei a trabalhar, tenho hoje aproximadamente 08 anos de APA.

C.M. – O que você sabe sobre a fundação da APA e por quê ela foi fundada?

G.S. – Como havia dito, eu sempre acompanhei o Professor Marciano e desde muito novo ainda, acho que com 16 ou 17 anos, ele fez o curso técnico de educação física que já existia aqui, não havia o curso superior, eles faziam um curso, era uma coisa bem difícil, e havia o

¹⁸ Colégio Maria Auxiliadora.

¹⁹ Cidade de Marrocos.

curso técnico que ocorria no Otacílio Nunes²⁰, onde vários professores que são formados hoje fizeram esse técnico e o Professor Marciano desde então trabalhava, como ele fazia o curso técnico, conseguia pegar uns contratos, não tinha professor, novinho já conseguia pegar um contrato, alguma coisa, e ele começou a trabalhar com atletismo, por intermédio da Professora Edileuza²¹, que era pra mim a base de tudo, porque a educação física escolar na época, ela parava a escola e dizia que queria todo mundo onde hoje funciona a Univasf acontecia o futebol, o atletismo era no estádio, mas aqui na Univasf era um campo de futebol grande, onde aconteciam o futebol nos jogos escolares, e ela vinha com aquele monte de meninos a pé, lá do Bairro José e Maria até chegar aqui. Era uma coisa de louco, menino de mais no meio da rua para chegar e assistir os jogos, para ir para estádio, para o Senai, onde acontecia o futsal, o basquete, o qual acontecia mais no Colégio Auxiliadora juntamente com o vôlei e o handebol. Ela era uma incentivadora, eu lembro como se fosse hoje, a primeira vez que eu conheci um Gelol²², chupei uma laranja me sentindo um atleta profissional de futebol [risos], era uma coisa maravilhosa, a professora chegou com um saco de laranja, e agente bem humilde naquela época, chegou com a laranjinha cortada, e falou: “aqui meus atletas, olhe, aqui tá, se alguém se machucar eu tenho um gelolzinho aqui” e eu disse: “professora, eu tô com uma dorzinha aqui no joelho”, ela veio e passou, aquele cheiro maravilhoso, eu tava me sentindo um Zico, um Pelé, era uma coisa maravilhosa, eu acredito que o Professor Marciano vai te contar várias histórias sobre a Professora Edileuza, que tirava do próprio dinheiro do pagamento dela para mandar menino para Recife, para o estadual, eles faziam “vaquinha”, a professora dava o que podia, porque não tinha dinheiro, se hoje não tem, imagina naquela época. Ela entregou para o professor Marciano tomar de conta do atletismo e foi onde tudo começou, chegou a um determinado momento que não tinha como validar as provas dos nossos garotos aqui, escolar é a base, já começa a ir para o sub-16 de clubes e não tínhamos clube para colocar os meninos, nós tínhamos que colocar na APPD²³, de Recife, do Professor Abraão²⁴, mas os méritos ficavam para Recife e o interior, muitos atletas nossos fizeram boas marcas aqui e foram homologadas por Recife. O Professor Marciano se juntou com o Professor Vilas

²⁰ Escola Estadual Otacílio Nunes.

²¹ Francisca Edileuza de Alencar Carvalho.

²² Remédio para contusões.

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ Abraão Joaquim do Nascimento.

Boas²⁵ e com a Professora Edileuza e fizeram um grupo e fizeram um projeto para fundar a ADECESF²⁶, teve esse primeiro grupo, o pessoal se afastou e o Professor Marciano manteve, depois mudaram para a APA Petrolina, Associação Petrolinense de Atletismo, e depois o Professor Natanael²⁷ chegou, o Professor Domingos²⁸, que era atleta de Marciano, e Natanael, que sempre foi dessa parte da inteligência da APA, ele é muito desenrolado, é acima da média, enquanto ele come, ele tá pensando em fazer alguma coisa, é administrador, é incrível, sou fã dele, um dia eu falei pra ele: “Natan, já pensou se saísse todo mundo pro aeroporto, todo mundo junto pra fazer uma matéria, era muito...” e ele disse: “não Giva, já tá certo aí, a gente vai pra Prefeitura de Petrolina, da prefeitura a gente vai todo mundo pro...” e eu disse: “meu irmão, vc...” [risos], o cara é muito desenrolado, quando Natanael chegou já ajudava Marciano de algumas formas, mas só que essa parte de direção, quando ele entrou deu um “boom” na APA, o pensamento dele não é emocional, tudo dele é resultado, foi aí onde a organização entrou, porque a gente era muito sentimental, todo mundo queria que seu atleta indo pra Recife, mas não pensava se valia a pena mandar, se atleta estava bem, se estava treinando, se tinha possibilidades, pra não gastar esse dinheiro, as vezes o atleta estava treinando, mas a gente sabe quando o atleta não consegue chegar lá fora e se destacar. Quando Natanael entrou foi o “boom” da APA Petrolina, a questão organizacional, porque tudo ficava na mão de Marciano, que era o pai desses meninos, vai pra um canto, vai com Marciano, volta com Marciano, todos os atletas eram treinados por Marciano, era muita carga nas costas de Marciano, imagina quando tinha um pleito do bolsa atleta com 30, 40 alunos para ele fazer tudo. Na chegada de Natan, quando a gente reformulou, que refez a questão do nome da APA Petrolina.

H.G. – Lembra o ano que ele entrou?

G.S. – Foi antes de mim, mas não lembro exatamente, ele entrou como diretor, se não me engano foi em 2006, como diretor, aonde a gente organizou essa questão de documentação e tudo, ele tem feito esse trabalho maravilhoso, é um cara que tem a visão e o conhecimento pra buscar parcerias, ele é um administrador nato, acredito que ele seria um reitor de uma universidade dessa tranquilamente, tem muito conhecimento, é ligado vinte e

²⁵ Luiz Martins Alves Vilas Boas.

²⁶ Associação de Desenvolvimento Esportivo e Cultural e Educacional do São Francisco.

²⁷ Natanael Pereira Barros.

²⁸ Domingos Rodrigues Nascimento.

quatro horas, pesquisa demais, tem horas que eu digo pra ele relaxar um pouco e ele diz que tá bom. Do que você falar, ele sabe alguma coisa.

H.G. – Só pra entendermos, a partir de 2014 foi o momento que você entrou na APA, você relatou que acompanhou a chegada de Natanael em 2006, antes de 2014 o professor já tinha alguma ligação com a APA?

G.S. – Tinha, por exemplo, não diretamente, mas já acompanhava, começou a aparecer muito atleta, tinha um atleta da marcha atlética que foi quase campeão brasileiro, foi desclassificado na última volta, foi campeão pernambucano, campeão norte-nordeste, era entrevista todos os dias, assim que a TV Grande Rio começou a fazer matérias, teve o gancho da APA com a TV Grande Rio, onde todos os atletas que conseguiam se sobressair faziam matéria e eu comecei a acompanhar, achei uma coisa boa, de repente anunciou que o Professor Marciano ia para a Alemanha com o atleta Francisco Daniel. Porque até então, Marciano era um estudante da minha época, e eu vendo que ele ia pra Alemanha, achei uma coisa bacana, maravilhosa. A gente tudo moleque e de repente, como professor, achei bacana. A meta que eu tinha era mais ou menos isso. Depois que eu comecei o curso, que eles vieram para o SESI, comecei ver aquilo e foi o que mais me deixou motivado para entrar.

H.G. – Eu fiz umas contas rápidas, o professor começou a trabalhar no SESI como vigilante em 2004, saiu em 2020, 2014 foi quando ficou ligado diretamente à APA, antes de entrar na APA, desde 2004, um ano após a fundação, bem no embrião, já era um seguidor, já acompanhava a trajetória da APA.

G.S. – Isso. Os Jogos Escolares passaram a ser realizados aqui no SESI, por exemplo, eu estava de serviço, estava ocorrendo os jogos e eu ficava assistindo. Bom demais, era ver os meninos correndo. Eu tenho um filho de 14 anos, e quando eu entrei na APA e comecei a treinar e perder peso, meu filho com 4 anos de idade, eu fiquei viciado em ir para as corridas, fui para a São Silvestre²⁹, corri maratona de Porto Alegre, onde tinha prova eu ia. Quando era na região levava minha mulher e menino pra ficar vendo o aquecimento a gente ficava brincando, quando eu chegava, ele corria pra me abraçar, meu filho, ano

passado, representou Pernambuco no Campeonato Brasileiro Sub-14, no Rio de Janeiro, passou uma semana lá e esse ano, semana que vem, vai classificar pra ir novamente para o Rio de Janeiro, ganhou uma bicicleta na “Tiradentinho”, foi campeão, 14 anos, já tem uma outra história. Ele é meio fundo, corre os 2.000m, porque a faixa etária dele é a prova dos 800 e 2.000m, ano passado ele foi bem no pernambucano e foi classificado para representar Pernambuco no Rio de Janeiro. Nós temos o pré-mirim A, que é de 9 a 10 anos, pré-mirim B, que é de 10 a 11 anos e já entra pra o mirim que é 12 a 14 anos, nessa faixa etária é onde ocorre o afunilamento para saber se o atleta vai ficar na modalidade e depois vai para o infantil, do infantil vai para o Sub-16, que vai até os 15 anos, a partir daí já vira coisa de menino grande [risos]. Ele tá chegando ao Sub-16 correndo e já está apaixonado.

H.G. – Já que o professor acompanhou a APA de forma remota e próxima ao mesmo tempo, qual o contexto do esporte na época da fundação da APA?

G.S. – O contexto do esporte na cidade de Petrolina e Juazeiro, tudo era futebol, a única vertente que tinha era o Professor Marciano com o atletismo e o Professor Otacílio³⁰ com o Handebol, era isso, quando o atletismo chegava em Recife gerava medalha, o handebol também gerava medalha, chegavam perto do brasileiro, mas as outras modalidades não, ganhavam aqui nos jogos escolares, mas chegavam em Recife, tomavam “pau”, e voltavam. O atletismo que despontava na época, e o futebol também, mas quando chegava em Recife também tomava “pau”, o atletismo que ganhava medalha e ia para o brasileiro, acredito que nenhuma equipe de futebol daqui chegou a ir para o brasileiro.

H.G. – Nessa época que estamos nos referindo, nas escolas o atletismo era tratado de que forma, tinha algum expoente nessas escolas, que saiam daqui da regional e ganhavam alguma coisa?

G.S. – Só os que passavam pelo Professor Marciano.

H.G. – Ele funcionava como um filtro?

²⁹ Corrida de São Silvestre, em São Paulo.

³⁰ Otacílio de Sousa Lima.

G.S. – É. Quando se falava de atletismo em Petrolina era o Professor Marciano, não tinha outro, tinham as escolas que tinham atletas, havia as modalidades coletivas, o aluno fazia a modalidade e quando tinha a individual, as vezes o professor chamava para a individual, mas para trabalhar mesmo com o atletismo era o Professor Marciano, ele já chegou a sair daqui com mais de 20 atletas para o pernambucano, tinha que ter um ônibus pra levar. As vezes só aluno do professor Marciano e o Professor Augusto³¹ que tinha algum atleta, mas no geral era o Professor Marciano.

H.G. – Você acredita que quem ascendeu o atletismo aqui na Região do Vale do São Francisco, o principal responsável, foi o Professor Marciano?

G.S. – Professor Marciano. Se não fosse ele não existiria atletismo aqui. Tem o Professor Santana, que foi professor de Marciano, mas hoje Marciano é um professor que transpõe as barreiras. Eu trabalho com atletismo, mas só tenho atleta aqui em Petrolina, ele tem atleta em todo lugar do país.

H.G. – Já ouvi falar que tem até queniano, é isso?

G.S. – Tem um queniano que foi campeão de uma prova da fruticultura e hoje é treinado pelo professor Marciano.

H.G. – Tem atletas que vêm morar aqui?

G.S. – É. Hoje Marciano é referência no atletismo brasileiro, não é Petrolina, é brasileiro, o respeito quando tem as competições fora, ou algum curso que a CBAAt indica, o professor Marciano quando chega lá é bem-visto, agora mesmo foi vice-campeão do Paralímpico Brasileiro, os atletas de fundo dele são excepcionais, aprendi tudo que sei a Marciano, sou grato demais àquele cara, a disponibilidade que ele tem em te ajudar em te ensinar.

H.G. – Pegar atleta e até hospedar dentro de casa, não é?

³¹ José Augusto Soares.

G.S. – Ele faz coisas como se fosse filho, agora mesmo vai ter a corrida domingo, ele hospeda os atletas na casa dele com os filhos, a mulher, tira do bolso dele pra ajudar.

H.G. – Como o Professor Domingos falou mais cedo, vocês não conseguem dissociar a APA, como instituição, da vida pessoal, vira tudo a mesma coisa, não é?

G.S. – Consigo não, eu sou o mais chato que tem lá, o mais enjoado, os meninos dizem que eu sou o chato demais, sou enjoado, mas pra tudo estou colado, eles sabem que a minha chatice é para a melhoria deles. Domingos é aquela paciência, pra tirar ele do sério, eu estava falando: “Domingos, tô chateado, vou dizer o nome não, com uma pessoa aqui e tal, porque passou pelo campeonato e meu amigo era só isso que você desejava, você chegou e ainda não deu satisfação, eu exijo esse respeito, eu quero esse respeito”, “porque eu tô 06h30 da manhã na porta do SESI, sou primeiro a chegar, entendeu”, e aí o cara não vem e nem diz “Giva tá acontecendo isso e isso”, e aí eu fico chateado, eu digo “olhe, o que é isso, que desrespeito é esse”, Domingos diz [risos]: “Giva, tenha calma com essas coisas”, e essa mistura de temperamento é interessante, a gente vai somando essa calma do Domingos, com a inteligência do Natan, com essa também inteligência absurda do Marciano, com a minha dedicação. Quando os meninos vêm falar alguma coisa, eles já ficam assim, “Giva, isso aqui, isso aqui, isso aqui” eu digo: “Não, tá tranquilo, mas vamos ter responsabilidade, porque o que vocês têm, eu falo mesmo, o que vocês conseguem aqui com a APA, vocês não podem tá vacilando não”, porque o que os meninos fazem, eu não faço isso porque não tenho condições, mas Domingos comprar sapato para atleta, tirando do bolso dele, pra o cara pagar a ele e não pagar e ele manda deixar pra lá. Eu não faço porque não tenho condições, mas o que eu posso fazer, já tirei tênis do pé pra dar para atleta correr, voltei pra casa descalço, eu vi que o cara precisava, eu faço, porque naquele momento eu achei que era importante fazer aquilo, o tênis do menino abriu, ele correu e começou a soltar o solado, e eu perguntei: “o que é isso, Felipe” e ele disse: “professor, meu tênis, o solado”, dei o meu e disse: “vá treinar” e voltei descalço, de carro, ele ia pro Pedra Linda, e eu disse vá, fique com o tênis pra treinar. De vez em quando a gente tem uns parceiros, pessoas que gostam do nosso trabalho, e dizem: “Giva, me veja um atleta aí pra fazer uma doação de um tênis”.

H.G. – Professor, sabe dizer quais foram os principais apoios, desafios e dificuldades para a fundação da APA?

G.S. – Dificuldades a gente tem muitas, nós, hoje, somos referência no atletismo nacional treinando numa pista de areia, uma pista de piçarra, com materiais que já eram para estar fora de uso, nós temos dardos lá que quando o atleta termina de fazer o lançamento as vezes cai, quebra no meio, faz uma solda, faz um negócio e então o que acontece é que ainda temos uma dificuldade muito grande na questão material que vai ser suprida com o projeto que nós temos, a questão da pista acredito que hoje é a nossa maior dificuldade, é termos um local para que gente possa guardar nossos materiais, possa ter um controle para manter a organização e uma pista adequada para treinar nossos atletas, que fazem o que fazem numa pista dessa, quando chegam lá fazem o que fazem, teve umas piadinhas agora, quando fomos campeões brasileiros em São Paulo, onde o cara falou: “eles têm raça, mas não têm técnica”, um cara falou isso lá, era acostumado a ganhar o campeonato brasileiro, em um dos maiores clubes de lá, que é o SESI de São Paulo, o cara ganhando dez mil reais de salário pra treinar os meninos, só do paralímpico, atletas que ganham dinheiro do SESI para treinar, e aqui nossos atletas não ganham nada, só o direito ao bolsa atleta, que é do Governo Estadual e do Governo Federal, se ficarem entre os três conseguem passar um ano recebendo essa bolsa, que é de setecentos e cinquenta a mil reais, e a gente essa dificuldade, já acenaram aí que a gente ia conseguir a pista, mas tá um pouco frio, foi um “boom” danado, a prefeitura prometeu um terreno, não se concretizou, seria no parque de eventos, e não sendo pessimista, eu acho aquela área muito rica, muito próximo de onde vai ter muito crescimento, pra liberar um terreno daquele vai ser muito difícil. O prefeito disse que se começasse a fazer a pista liberaria três milhões pelo município. Hoje a gente tem uma participação da prefeitura muito boa, tudo que a gente precisa eles chegam junto, também somos a única entidade desportiva que traz uma visibilidade para a cidade é a APA Petrolina, o que é o futebol de Petrolina, o que tem hoje de futebol em Petrolina, se resume a TV Grande Rio, não é Petrolina, handebol não tem em Petrolina, tem o atletismo em Petrolina, a principal atividade esportiva de Petrolina. Com essa questão de Natanael, que começou a buscar, outra coisa, nunca fomos políticos, nunca nos vendemos à política, já chegou gente, vereador tal, a gente acha que a política é importante, precisamos saber e viver política, mas ser partidários não, o esporte não pode ser assim, por exemplo, eu penso uma coisa, Natanael pensa outra coisa, Domingos pensa outra coisa, a gente tem

pensamentos diferentes, mas quando fala de atletismo a gente deixa tudo isso de lado, na resenha a gente tira onda um com outro, brinca, mas quando parte para falar da APA Petrolina esquece política, e um dos projetos de Natanael e Domingos começaram a encaixar porque a gente não depende do núcleo de Petrolina aqui para que nosso projeto siga, a gente consegue chegar nas empresas com o respeito que a gente conquistou, hoje nós temos Bayer do Brasil, uma empresa mundial que apoia a APA Petrolina, que são apaixonados pelo nosso trabalho, temos Tintas Iquine, que hoje também é parceira da APA Petrolina, temos também a ARA Agrícola, que vem também nos ajudando a bastante tempo, temos o River Shopping agora, um shopping nesse tamanho que todo mês chega junto da APA, temos o IF, temos a Univasf, e acredito que não teríamos essa parceria se o nosso trabalho não fosse sério, conhecido, temos a Ari Brasil Odontologia, que cuida dos dentes dos nossos atletas, você sabe que um atleta de alto rendimento com problema dentário vai lá pra baixo, temos o Bartô³², da Fisiortec, que é parceiro forte da gente, hoje a gente tem uma sustentação muito boa, temos algumas empresas de Recife que estão entrando nesse projeto e eu acredito que só tende a crescer. As dificuldades são essas, a questão das pistas, esse dinheiro que é arrecadado em projetos é muito engessado, se você colocar cem bonés da APA Petrolina, tem que ser com formato, cor, tamanho pré-definidos, não pode mudar nada, se for comprar o dardo tem que ser daquele tipo, daquele que foi especificado, não tem como ser destinado para outras coisas, nós temos competição, temos que viajar, temos que pagar alimentação de atleta, agora mesmo foi um absurdo de gasto para o brasileiro, saímos daqui com quarenta pessoas, alimentação para essa quantidade de pessoas, café, almoço e janta, tudo, o professor Natanael corre atrás das parcerias pra ver se esse dinheiro entra, pra que cubra, mas nesse momento do brasileiro a gente precisava estar com esses atletas e o professor vai lá e usa o cartão dele, quarenta refeições, mil e tantos reais no cartão dele pra fechar o negócio, e ficar na expectativa de conseguir receber depois, porque o projeto não abrange tudo, abrange as passagens, mas a alimentação, muitos atletas nossos tem o direito a alimentação, mas outros tem que pagar, é muita coisa pra resolver.

H.G. – O Professor lembra qual foi a primeira diretoria da APA, quem esteve a frente inicialmente?

³² Nome sujeito a confirmação.

G.S. – Não lembro, porque eu não estava nessa época, eu sei de ouvir falar, de Professor Vilas Boas, Professor Marciano, Professor Augusto, é muito antigo isso.

H.G. – Em qual local se deram os primeiros treinos da APA?

G.S. – Os primeiros treinos da APA eram nas escolas, depois que fizeram o Parque Municipal passou pra lá por muitos anos, nos campos de futebol, onde tinha campo de futebol o Professor Marciano fazia os treinos da galera, depois veio para o Parque Municipal e por último que veio para o SESI, em 2015, 2014, foi por aí.

H.G. – Tem alguma informação sobre os primeiros colaboradores e parceiros da APA?

G.S. – Eu acho que nessa questão, os parceiros principais era Marciano, e os colaboradores era Marciano e Marciano, não tinha apoio, não tinha político que chegasse perto, não tinha visibilidade. Hoje querem tirar foto, chegamos na Câmara de Vereadores, onde deram um título para a APA, e uma vereadora chegou e foi aquele negócio todo. Tivemos um evento que a gente fez, o lançamento do projeto e dos uniformes no SESC, tivemos nossos convidados, que foram importantes e um vereador disse: “não me convidou”, Natanel olhou e disse que com a pandemia havia limitado a quantidade. Tem projetos como o nosso no Brasil todo, mas nunca tinha visto um evento daquele, nós colocamos nos grupos de treinadores de todo o Brasil e eles ficaram “doidos”, caramba, gastaram dinheiro demais, estão ricos, e eu disse que era parceria, o espaço foi cedido, o material a gente conseguiu, fizemos a ornamentação com o material que a gente comprou para os nossos atletas, ficou lindo, os modelos eram nossos atletas, o locutor era nosso amigo Vilas Boas, a filmagem Natan conseguiu de graça, a transmissão pelo You Tube, parcerias boas.

H.G. – Sobre os primeiros alunos e atletas, sabe de alguma informação?

G.S. – Só de conversas com o Professor Marciano, era os atletas que tinham nas escolas, mas acho que essa informação vai ser mais rica vinda de Marciano.

C.M. – Os seus primeiros foram aqueles que você já citou?

G.S. – É, a Nanilza e o Mocotó, que é o Erisvan, depois chegou a Samira, tem os olímpicos e o pessoal que gosta de corrida de rua, hoje já tem o Felipe³³, o Iasley³⁴, a Mirela, aproximadamente uns 15 atletas entre paralímpico e olímpico, eu não sei como Marciano consegue dar conta, porque é muita gente, acho que ele deve dar assessoria a mais de cem pessoas.

C.M. – Do que você acompanhou, no período que você está na APA, o que você considera que foram as principais conquistas esportivas?

G.S. – De 2015 pra cá, acredito que na parte olímpica, com o Professor Marciano, teve o Edson Amaro, que participou do Sul-americano de maratonas, teve algumas convocações pela seleção brasileira, até então atleta da região nunca tinha sido convocado para a seleção brasileira, veio o Edson Amaro e abriu as portas, o Francisco Daniel, porque eu não digo só conquistas do clube em campeonatos, eu digo uma convocação, porque um atleta nosso chegar numa seleção brasileira, pra gente é uma conquista muito grande. Nós tivemos o Francisco Daniel, no paralímpico, abrindo as portas, depois a Samira Brito, em 2017 fomos vice-campeões brasileiros, foi a primeira grande conquista do paralímpico para o grupo, ser vice-campeão paralímpico, numa capital onde havia mais de cem clubes e ter esse resultado, mostrou que a gente tinha potencial e depois veio a convocação da Samira para a seleção brasileira, a convocação pra Tóquio foi um “boom” muito grande, tivemos um atleta, mas a chance de ir dois era muito grande, porque, na competição, eu fui com a Samira e com o Antônio³⁵, que é deficiente visual, com reais possibilidades de ir para as olimpíadas, e quando chegou lá, ele pegou Covid dentro do Centro de Treinamento, ele estava na sua melhor fase, quando chegou, no dia que ele foi correr, começou a sentir falta de ar, quando terminou a prova levamos ele para a área médica e diagnosticaram com Covid, e eu dentro do quarto com ele e o guia e nós dois não fomos contaminados, nós teríamos chances absurdas de ir com dois para Tóquio, mas acredito que para Paris nós vamos com uma equipe bacana. Essa convocação, duas finais, a Samira na paraolimpíada, começa um novo ciclo, já começamos a ter treinadores, fui selecionado para fazer um treinamento de quinze dias, para participar de uma competição nacional como treinador da Samira e da seleção, Professor Adriano chamado para fazer uma seletiva lá também,

³³ Felipe Cavalcante da Costa.

³⁴ Nome sujeito a confirmação.

Professor Domingos está indo dia 29 pra São Paulo, vai passar uma semana de treinamento, essas convocações de treinadores são muito importantes, tem o próprio Edson Amaro convocado para a Espanha, temos também essa vitória do Professor Marciano como segundo melhor treinador paralímpico do Brasil, e temos ainda o Campeonato Paralímpico Brasileiro que fecha um ciclo bem vitorioso, que começou com Francisco Daniel e chegou aqui onde nossa equipe é a melhor do país. Quando a gente perdeu o Campeonato Paralímpico Brasileiro em 2017, foi por onze pontos, hoje fomos campeões com mais de cem pontos a frente, não deixou dúvidas. Hoje nós somos respeitados por onde passamos, essa visão do CPB com os nossos treinadores já assinala isso, e hoje nós temos duas atletas da iniciação, que são nossa base, que são a Evelin Caroline e a Lana³⁶, que foram convocadas e estão na França em uma competição internacional de paratletismo para jovens. É um “boom” muito grande e com atletas que podem ser convocados agora para essa competição em Marrakesh, temos o Genesis³⁷, o Antônio Carlos. A Samira com certeza será convocada, a gente fica muito feliz com essa ascensão dos nossos atletas e treinadores, acho que essa são as principais conquistas que nós temos.

C.M. – Todas essas conquistas são obtidas de uma organização da APA, você já falou um pouco, mas quais foram essas principais mudanças que teve na associação, nesse período que você acompanha?

G.S. – Foi a questão organizacional mesmo, passou-se a trabalhar com metas, trabalhar visando, Marciano dizia que tínhamos uma equipe boa, mas quando chegava em São Paulo nossa equipe não pontuava individualmente, pontua por grupo, mas não tínhamos atletas convocados para a seleção, em 2017 fomos a segunda melhor, mas não tivemos atletas convocados para a seleção naquele momento, treinadores convocados, não éramos vistos, foi onde começou a questão organizacional e tudo começou a acontecer, porque Natanael não se envolve nem um minuto com o treinamento, ele só chega perto da pista para conversar com a gente, tirar dúvidas, ver nossa opinião sobre alguma coisa que ele tá pensando, teve algumas reuniões na casa dele, agora a gente vai ter nosso próprio espaço, onde vai ser a sede da APA Petrolina, onde tudo vai ser tratado lá, onde vai ter uma pessoa

³⁵ Nome sujeito a confirmação.

³⁶ Nome sujeito a confirmação.

³⁷ Nome sujeito a confirmação.

trabalhando para as demandas que chegarem sobre a associação, vai ficar muito melhor, a questão organizacional tá perfeita, tá encaminhando, acredito que a gente só tem a crescer.

H.G. – Quantos atletas/alunos a APA possui atualmente?

G.S. – Exato eu não vou poder dizer, porque a todo momento esse número varia, antigamente a gente saia procurando atleta, hoje os atletas estão mandando e-mail dizendo que gostariam de se associar à APA, e hoje a gente tá escolhendo quem quer, pedimos para mandarem currículo, o atleta manda o currículo dizendo a que classe pertence, quais suas provas e marcas, e a partir disso gente responde se vai querer esse atleta com a gente, geralmente a gente já conhece o atleta, mas manda os dados, quando a gente tem interesse num atleta mandamos um convite, a gente não é muito de convidar porque as vezes isso gera conflito com outros treinadores, é chato você ter um atleta e de repente alguém estar assediando o atleta do outro. O atleta primeiro tem que se dirigir informando o seu interesse em entrar na equipe, aconteceu agora com o Marido da Nani, tá morando aqui, treinando comigo, mas corria por uma entidade do Rio de Janeiro, e Natanael conversou com ele e disse que ele já estava treinando todo dia com a gente, porque não muda pra APA, não estava recebendo nada por lá e aqui poderia pleitear a Bolsa Pernambuco, ele disse que já estava pensando nisso e pediu desligamento da equipe dele, ele foi liberado pela outra associação e virou atleta da APA, ganhou duas medalhas de ouro na competição, já estou fazendo um trabalho com ele, não sei como vou fazer, porque quer vir o dia que quer e eu não gosto disso, vai ser uma guerra, mas vamos pra cima [risos].

H.G. – Inicialmente a APA era a base, acolhia, treinava e projetava atletas, hoje, com a dimensão e o patamar que a APA alcançou, essa visibilidade, a APA está sendo um polo atrativo para atletas prontos?

G.S. – Hoje nos temos atletas prontos, que já eram de outras equipes, que nos procuraram pra vir pra APA, o Anisete³⁸, o Felipe Leocadio, a Lívia³⁹ e o José Mendes, todos de São Paulo, o José Rodrigues, de Brasília, O Genisson⁴⁰, da Paraíba, temos atletas de todo

³⁸ Nome sujeito a confirmação.

³⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁰ Nome sujeito a confirmação.

Brasil, temos o Sinvaldo⁴¹, também de São Paulo, que entrou em contato com conosco dizendo que estava querendo vir pra Pernambuco treinar com a APA. Nossa equipe, além de ser uma equipe vencedora, é muito unida, lá em São Paulo agora um cara falou que quando olha esses caras de verde entrando e a gente gritando, todo mundo torcendo por todo mundo, a APA tem uma energia que contagia todos.

C.M. – Tem alguma história de atleta ou de aluno que você acha mais marcante, mais comovente, que talvez de mais superação?

G.S. – Tem a história da Samira, que me marcou bastante, eu me emociono muito com a Samira, porque a deficiência dela trouxe a pra ela a questão da surdez, ela não escuta bem, usa aparelho e durante muito tempo, acho que por falta de conhecimento da família, não buscaram dar um aparelho para a Samira, para que ela pudesse ouvir as pessoas falarem e também saber se pronunciar, conversar, ouvir, acredito que ela passou muito tempo sem o aparelho, a Samira é muito alegre, brincalhona, mas se você parar pra fazer uma pergunta ela vai dizer que não sabe. Se perguntar o que achou da sua prova, ela diz que foi boa. Se perguntar qual a parte que ela achou mais difícil, ela responde que não sabe. Ela tem um pouco de comprometimento intelectual que leva a isso também. De história de vida mesmo eu sou muito feliz com a história do Justino Pedro, que era alcóolatra e eu cansei de ver ele caído, eu fui pra Maratona de Porto Alegre no avião que ele foi, ele parecia que tinha passado a semana toda bebendo, quando entrou no avião o fedor de cachaça cobriu, ele chegou lá morto, Marciano é um pai, eu não tenho a paciência que ele tem, se fosse eu teria desistido do Justino, ou talvez não, mas imagino que eu não teria a paciência que Marciano teve, o que eu digo é a coisa de pai mesmo, é como se tivesse um filho drogado e que você fizesse de tudo e ele dissesse pra você que não ia acontecer mais e daqui a pouco chegar uma pessoa e dizer pra você que o Justino estava agora, bêbado, em algum lugar. Eu que só era fã de Justino ficava numa decepção tão grande que um dia cheguei a chorar com raiva dele. O cara fazendo os melhores treinos dele, treino que quando ele terminava saia cambaleando pra um lado e pra outro, sentava, respirava, baixava a cabeça. Por exemplo, ele sair daqui, ele tem uma filha deficiente, e ganhar uma moto, ganhar cinco mil reais e ele aparecer depois de dois ou três dias sem nada, bêbado e você olhar assim e dizer: “...como que pode um negócio desse, como é que a gente vai mudar isso aí” e tentar falar

⁴¹ Nome sujeito a confirmação.

com ele que ele pra mim era o cara que mais corria e que ele era o melhor atleta do Brasil, e que ele tinha oportunidade de mudar sua vida e de sua família e ele me dizia que ia mudar. Até que chegou um tempo que Marciano disse que ia acabar “matando” esse cara, que dava umas cargas de treino muito monstra, absurda, e o Justino chegava bêbado e Marciano mostrava a situação dele e eu dizia pra mandá-lo embora, mas Marciano dizia que ia colocar ele pra treinar. De repente, ele chegava lá e Marciano dizia que ele ia seguir a planilha, “vinte e dois km hoje”, ele dava várias voltas no SESI, chegava travado, ficava bom correndo e na média que Marciano queria, como podia um negócio desses. Agora ele está a um ano e pouco sem beber e está estourado, nunca foi suplementado, não se alimentava bem, tinha tudo pra estar rico hoje. São poucos os atletas que correm mais que Justino hoje, e eles estão na seleção ganhando bolsas boas e não ficam de corrida em corrida. Justino hoje está em Paraopebas, no Pará, um fã dele pagou a passagem para ele correr lá, deu mil reais a ele, fora passagem, alimentação e hospedagem, o que ele ganhar lá é dele e o cara só vê Justino por vídeo, por conhecer a história dele, o cara é um empresário rico, liga pra Justino e pergunta como ele está e pra aonde vai esse final de semana, por exemplo, e quando Justino fala que vai pra alguma prova o empresário transfere alguma quantia para ajudá-lo. Justino é uma pessoa muito humilde, não ofende ninguém, mas agora, graças a Deus, conseguiu organizar a vida dele, tá melhorando, fez agora uma reforma na casa dele, está ganhando dinheiro, está se organizado na vida. Ontem eu fui limpar a piscina de Marciano, porque ele está operado, ele disse Giva, vem escovar minha piscina e fazer a limpeza, eu fui na terça, fiz a escovação e ontem eu fui fazer a limpeza, estava conversando com ele e de repente Justino liga de onde ele estava, e Marciano já estava mandando-o para outra prova em outro local, Marciano faz essa compra de passagem de avião, compra de passagem de ônibus, hospedagem, ele só faz o roteiro que Marciano manda. Marciano é incrível.

H.G. – Qual a posição da APA hoje no cenário nacional?

G.S. – A APA hoje é posição de destaque, tanto no Olímpico quanto no Paraolímpico, pra se ter uma ideia, Marciano deve fazer esse comentário com vocês, agora um dos principais atletas de maratona, Paulo Dipaula, aceitou uma convocação para que Justino não fosse convocado, com medo de Justino fazer uma prova com uma marca melhor que a dele e tomar a vaga dele no mundial, e Justino me disse que não queria, só queria fazer uma meia

maratona forte para o ano que vem eu ter direito a uma bolsa federal e uma bolsa estadual, mas ir pro mundial não, porque não dá tempo, mas o Paulo fez isso e era uma chance que Justino tinha para no ano que vem, se ele fosse uma maratona fora daqui ele faz em uma hora, ele fez uma em uma hora e três minutos nesse sol quente daqui. Hoje se ele chegar na França, na Espanha, faz uma meia maratona em uma hora. O atleta tirou esse doce da boca de Justino. Se o Paulo não aceitasse, Justino iria, mas o Paulo vai correr a meia maratona e não vai para a maratona, prejudicou Justino, mas é assim mesmo.

H.G. – Como são organizadas as rotinas de treinos hoje na APA, isso se modificou ao longo do tempo, locais, horários?

G.S. – Sim. Hoje eu tenho meus atletas, Marciano tem os dele, Domingos tem os atletas dele e a Carina Cleures tem as atletas dela e trabalha mais com a base. Eu trabalho pela manhã, Marciano também, a tarde fica a base com Domingos e Carina, a gente divide isso, porque se colocar todo mundo na pista não dá para trabalhar.

C.M. – Todos os dias?

G.S. – A gente trabalha de segunda a sexta no SESI, aos meus atletas de velocidade eu dou descanso sábado e domingo, mas se tiver prova perto eu faço um trabalho no sábado, mas eu gosto de dar esses dois dias de descanso, pelo menos 48h, porque o treino de velocidade é muito intenso e os atletas de velocidade trabalham na pista e na academia, e a carga é absurda, atletas de fundo nem todos fazem academia, faz um treino pela manhã, às vezes Marciano coloca alguns maratonistas para fazer dois períodos, mas ele consegue distribuir bem essa carga, por exemplo, às vezes o Justino tem um trabalho de velocidade pela manhã, Marciano manda ele rodar 10km, podendo ser na sua região mesmo, 10km a tarde pra tanto, pode ser 4:30min/km, 3:20min/km, aí o pessoal corre. Os caras fizeram um treino para a maratona do Rio de Janeiro e no último treino Justino fez 3:10min/km.

H.G. – Na última maratona do Rio de Janeiro ele fez abaixo de 3min/km?

G.S. – Fez 3:03min/km.

C.M. – Essa forma de organização dos treinos mudou nos últimos tempos?

G.S. – Acho que só a questão técnica, a questão de como cada um faz os treinos, às vezes o treino era muito comum, hoje Marciano tem a metodologia dele, eu tenho a minha, Domingos já tem uma metodologia diferente, voltada para aquelas provas, mas trabalham de forma diferente, de forma individualizada, cada um faz seu treino, mas a gente troca ideias sobre o pensamento de cada um, e ninguém entra na seara do outro, cada um é responsável por seus atletas.

C.M. – Você já citou os quatro treinadores, todos eles trabalham com todas as provas do atletismo, ou tem especialização?

G.S. – Eu, Domingos e Carina ficamos mais com as provas de velocidade, também trabalho com provas de meio fundo, mas Marciano quer se especializar com maratonas, ele quer terminar a carreira dele trabalhando com maratonistas, então todo atleta que entra na mão de Marciano, ele pode até ser um fundista de 10km, mas a tendência de Marciano é jogar o atleta para a meia maratona e maratona, o que ele gosta é de trabalhar com provas de fundo.

C.M. – E os arremessos?

G.S. – Eu tenho atletas de arremesso, e o Domingos e a Carina também têm. A Carina e o Domingos também trabalham com saltos, já eu não trabalho, não gosto muito de trabalhar com saltos, até porque não dá tempo, por exemplo, Marciano quer se especializar porque se ele ficar pegando tudo acaba não fazendo nada.

C.M. – Mas antes ele pegava?

G.S. – Sim.

C.M. – Até entrar você, o Domingos e a Carina, ele fazia tudo?

G.S. – Ele fazia tudo, é o que eu digo, ele consegue guardar na cabeça por muito tempo as marcas dos atletas dele, se você for conferir é isso mesmo. Se perguntar a ele quanto tempo Justino fez na maratona do Rio de Janeiro, quanto foi a primeira prova de Justino nos 10km, e Edson, com quantos anos correu e qual a melhor prova, ele sabe detalhadamente.

H.G. – Eu estagiei com ele no Clube de Corrida dele aqui, a noite, e ficava surpreso, ele com 20 ou 30 alunos, pegava o celular e sabia o treino de todo mundo, vá até tal lugar e volte.

C.M. – Todos vocês trabalham com esporte Olímpico e Paralímpico?

G.S. – Sim. Por exemplo, eu tenho paralímpico e olímpico, o Domingos tem paralímpico e olímpico, o Domingos tem o Gustavo⁴², que é velocista, tem a Evelin, que é paratleta, a gente não diferencia muito não, a gente respeita a individualidade do atleta, mas a “pancada” é uma só, tá entendendo, tem uma deficiência, mas eu respeito para não machucar o atleta, mas o limite quem diz é ele, eu pego o feedback, ele diz o que tá sentindo e eu vou avaliar a questão mecânica dele, o que está errado, se aquele trabalho pode ser feito para aquela prova, mas os nossos trabalhos são pesados, se tem uma perna boa, só tem um plexo braquial, não difere nada do outro no treino e eu prefiro que ele entenda isso, eu quero que ele entenda isso, que não é diferente de ninguém, que ele pode fazer até melhor que o cara que não tem deficiência.

C.M. – Quais os atletas que estão em melhores posições no ranking hoje?

G.S. – No paralímpico, nós temos a Samira, o Antônio Cais, o Genisson, nesse campeonato brasileiro nós ficamos em algumas provas de velocidade e do meio fundo pra frente nós tomamos a frente, somos os primeiros do ranking. Na maratona nós temos o Justino Pedro, que é recordista da maratona do Rio e temos o Edson Amaro que está muito bem, foi convocado agora. Nas provas de fundo, nós temos o Neném⁴³ que agora foi terceiro lugar no campeonato brasileiro de Cross Country, foi campeão em Petrolina, campeão na fase nacional, nós temos a Samira que é a primeira do ranking, temos as meninas da iniciação,

⁴² Nome sujeito a confirmação.

⁴³ Nome sujeito a confirmação.

que com quinze anos já estão entre as primeiras do adulto, a gente tem uma equipe que, como eu disse ontem a Marciano, a gente tem dois a três anos para sermos campeões brasileiros com esse grupo, e se chegar renovação a gente vai perpetuar por muito tempo. Porque a gente tem uma equipe boa, pra outras equipes dar um “boom” esse ano para o ano que vem ser campeão é muito difícil, porque a gente não vai ficar parado, já temos aproximadamente seis ou sete atletas que vão esse ano, que nunca participaram, e correndo atrás de atletas, em evolução, a gente não pode ver uma pessoa mancando na rua que já queremos treinar, ontem mesmo fui dar uma entrevista na SEST TV e na hora que eu fui entrando vinha um homem com muleta, as duas pernas, acho que com paralisia, com um ombro forte, grandão, eu chamei ele e perguntei onde ele morava, e ele disse que morava em Sobradinho e perguntou o que eu queria, eu expliquei a ele que faço parte de uma associação, que trabalha com pessoa com deficiência, Samira chegou na hora e eu mostrei ela, dizendo que tinha ido pra Tóquio, e ele disse que tinha visto a Samira na televisão e me disse que pegasse o número dele e que conversasse com ele pelo whatsapp. E é assim que acontece, a gente vai garimpando, caçadores de talento, esse rapaz é mais forte que o atleta Mocotó, é grandão, braço, ombro, deltóide avantajado pra fazer lançamentos, aí eu digo vem pra cá, a gente pode oferecer uma melhoria de vida para um cara desse através do esporte, de saúde, psicológica e financeira, por exemplo, muita gente não se aceita com sua deficiência, nós temos uma atleta que a gente levou para Recife, a Neide⁴⁴, ela é 42, só tem um pé torto, era tímida e ficava se escondendo pra ninguém ver o pé dela, levamos ela para paralímpico e ao ver o tanto de gente que tem deficiência igual a dela, hoje ela se aceita, coloca uns vestidos bonitos, tira foto, a autoestima vai lá pra cima. Mocotó mesmo, é um cara que é mecânico, que é um profissional de mão cheia, mas era meio..., hoje ele é o terceiro melhor do Brasil no dardo, ele chega pra mim e diz: “porra negão, eu fico só pensando no dia que eu tiver que sair disso aqui, eu amo isso aqui demais”, e isso é satisfatório demais pra gente. Os filhos são fãs dele, a vizinhança é fã dele, dá entrevista, sai na televisão, o pessoal gosta dele, do jeito dele, ele é “matutão”, mas é um cara bem positivo, o pessoal gosta dele, do jeito dele. Quando ele chegou lá, bruto, ele olhou pra mim assim e disse: “tu, que é preto que só a porra...”, Natan perturbava, dizia uma piada e ele já dava uma “lapada” em Natan. Daqui a pouco, o cara que nem queria conversa com televisão, hoje já dá entrevista, amansou.

⁴⁴ Nome sujeito a confirmação.

C.M. – A APA, por ser daqui da região Nordeste, tem alguma facilidade ou dificuldade, por ser de Petrolina, por ser do Nordeste?

G.S. – Não, acho que as mesmas dificuldades que nós temos, as outras equipes têm também, eu acho que o que a gente tem e se sobressai é como a gente consegue encarar essas dificuldades, através de como a gente encara e como a gente reage, acho que trabalhar com deficiente, você, às vezes, para pra pensar no que você acha que não pode fazer, e aí você diz “eu não posso fazer isso aí”, claro que eu posso, o cara faz aquilo e isso eu levo para a minha vida, se você vê o vídeo ao vivo que eu fiz agora nas provas onde eu falo que a minha vida é outra depois que eu conheci o paratletismo, depois que eu vi o que essa pessoa consegue fazer, coisas que eu não consigo e que você está aí do outro lado não consegue também, não porque você não seja capaz, mas por aqui estão treinados, e isso é uma coisa que eu não consigo fazer, então a mesma coisa é se você tem um problema, tente resolver seu problema, não se angustie, vá atrás de resolver o seu problema, porque só você pode resolver suas coisas,, e essas pessoas estão fazendo isso, têm os problemas delas e estão encarando de frente, entendeu, tem muitas pessoas com depressão aí que não tem um problema, só tem, às vezes, uma fraqueza, coisas da cabeça mesmo, porque problema de verdade não é, eu vejo pessoas que não pagam uma conta, deve ter alguns “n” motivos, mas eu digo problemas reais, de querer subir num ônibus e não conseguir, de querer ver, de ter uma mulher e não saber como ela é, de conhecer o rosto dela, de ter um filho e não saber como é o rosto do filho, isso poderia deixar essas pessoas depressivas, mas escolheram vencer. Minha vida mudou muito depois que eu conheci esse pessoal, pra mim quase tudo é bobagem, eu encaro de frente e quando minha mãe disse que eu era louco, ela chegou lá numa sexta-feira, quando eu soube que realmente a gente seria demitido e eu tinha um dinheiro guardado no banco, minha mãe disse “meu Deus”, e eu disse: “homi, deixe de agonia”, eu parti pra Venâncio, contratei uma retroescavadeira e perguntei quanto cobrava para fazer um buraco de uma piscina de 12m x 5m, eles responderam que era seiscentos reais e eu disse: “vamos lá”, quando foi a tarde minha mãe chegou no terreno e disse: “que bagaceira é essa”, um buraco do tamanho do mundo e eu disse a ela que essa bagaceira ia dar certo. Ela disse que eu era doido, “que só fazia as coisas nessa ignorância, vai fazer uma casa, faz um segundo andar”, e eu disse: “mãe, bagaceira só presta grande”, mas é assim, e graças a Deus isso veio muito do que eu vivo com esses garotos, pode ter certeza, é maravilhoso demais.

C.M. – E estruturalmente, para a associação, vocês têm as mesmas condições que os clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro têm, de apoio, de estrutura física mesmo?

G.S. – Não temos, porque lá toda equipe treina em uma pista de atletismo, e isso faz uma diferença gigantesca, porque, por exemplo, eu chego com a Samira lá, a Samira treinando aqui na terra, mesmo com a sapatilha e os pregos ela “escapa”, quando eu chego lá eu peço à organização para fazer um reconhecimento na pista no dia anterior, e a evolução que ela tem na prova dela daqui pra lá é absurda, imagina você treinando todos os dias, fazendo passada certinha, aqui nós trabalhamos com a pista sem ser raiada, até isso, quando chegamos lá são oito raias na pista, mas tem as marcações da barreira, todas as marcações da pista que confundem o atleta, o Lucas⁴⁵, atleta da Petra, que é um tipo de triciclo, agora, em Recife, foi desclassificado, porque quando estava fazendo a prova e ao chegar na curvatura onde tem a prova dos 110m com barreira, tem um encontro da raias e ele estava na raia dois e foi para a raia três e foi desclassificado, então isso aí é questão estrutural, questão de treinamento, agora mesmo, que eu passei 15 dias com a Samira lá, treinando todos os dias na pista, a menina teve uma mudança de postura na corrida, isso nem se compara, se a gente tivesse uma pista aqui, eu nem sei como estaria o nível dos nossos atletas aqui, talvez tivesse até abaixo, porque dizem que quem tem demais não dá valor.

H.G. – O que a APA representa para você hoje, e qual a contribuição para a sua vida pessoal e profissional?

G.S. – A APA foi uma mudança na minha vida, quando eu conheci a APA eu tinha uma cabeça e hoje eu tenho outra, eu imagino onde eu posso chegar e isso jamais seria possível, é o que eu digo bastante para os alunos de vocês que chegam lá pra estagiar com a gente, eu falo muito pra eles, tem muitos alunos que chegam lá e aí ninguém diz, só eu digo, por isso que o pessoal diz que eu sou muito de falar as coisas, por exemplo, chegou um aluno para estagiar com a gente e eu senti muito tímido, muito acanhado, não perguntava nada, e tem aquele período de observação do aluno, e depois eu já começo a colocar o cara pra se virar lá, ver o que o atleta tá precisando, e eu pergunto: “que atleta é esse aí?”, “que classe é ele?”, “qual é a prova que ele tá fazendo?”, e eu já fico instigando pra ver se o estagiário

abre a cabeça, tanto é que tem a Samira, que está no mestrado e está com a gente lá, ela está apaixonada, levamos ela pra São Paulo agora e ela realmente fez um estágio bem feito, e hoje vai ter uma oportunidade de crescimento com a gente. Chegam uns estagiários que são muito apaixonados por academia, são loucos por academia, as vezes vai pra lá pra fazer um estágio somente por obrigação, e eu falo pra eles: “o que é que tu pensa como profissional, tu só pensa em ir trabalhar em academia?”, “por onde você passar, qualquer estágio que você passar, se doe, pergunte, não fique com a dúvida não, não vá pra casa com a dúvida não, nós estamos aqui pra falar, se você tem uma dúvida, fale, não fique calada não, inquieta não”, então eu acredito que eu busquei, com essa minha curiosidade, por isso que eu fui absolvido pela APA, porque eu fui curioso, eu perguntei, eu tive dúvidas, é o que eu digo pra eles, não existe só academia, existe um mundo muito amplo, e pra se ter uma ideia, hoje, o Natanael tem uma outra visão, já recebeu até um convite para fazer parte do programa de governo do Miguel Coelho, pra elaborar o programa de governo na questão do esporte, viram que ele tem potencial, tem que se doar pelo que está fazendo, e a APA me proporcionou isso, essa questão de conhecer as coisas, de indagar-se o que é que eu quero, eu era muito tímido nessas coisas, muito fechado, não conseguia falar em público, hoje eu já dei aula em faculdade, dei algumas matérias numa faculdade, dei natação, dei atletismo, então a APA me trouxe essa facilidade de me expor, de dizer o que eu penso e eu sou muito grato por ter isso, se eu te contar de onde vim, e com que idade eu terminei o médio e o fundamental, vão dizer que é brincadeira, eu terminei o fundamental com vinte anos, terminei o médio com vinte e quatro anos de idade, terminei o médio fazendo aquela “travessia” e eu me achava muito incapaz, a minha mão era analfabeta, tinha uma irmã que estudava, mas era muito ignorante, não conseguia que ela me ensinava, e eu fui desgostando da escola, quando eu saí do exército, no exército e já perdi a oportunidade porque não tinha estudo, teve um curso de cabo onde tinha que fazer umas contas e eu não consegui, não passei, e hoje era coisa muito simples, regra de três e eu não consegui resolver, eu tinha potencial, viam em mim potencial e queriam me dar um curso de cabo, mas eu tinha que passar naquela prova, alguns foram escolhidos e eu fui, mas por não ter conhecimento não passei na prova, e aí quando fui convidado por alguns amigos para fazer o curso de Educação Física, mesmo tendo terminado o ensino médio, eu disse que não tinha potencial pra isso, não tenho condições, ficava na retração, e quando eu resolvi meter a cara, que comecei estudar e perceber que eu tinha condições, comecei a ter

⁴⁵ Lucas Freire.

curiosidade de ler sobre o assunto, e aí vem outras coisas atreladas à Educação Física, e graças a Deus eu sou outra pessoa através da APA, já fiz palestras para pessoas de outras universidades fora daqui, on-line, e tenho crescido muito como profissional, e foi através da APA, e é isso, acho que foi um dos principais ganhos que eu tive com a APA foi a questão do crescimento como pessoa e como profissional.

H.G. – Gostaria de complementar com mais alguma informação, tem mais alguma coisa para falar?

G.S. – Falar da satisfação de fazer parte da APA e de ter conhecido o Professor Marciano e o Professor Natanael, que pra mim são dois irmãos, o Professor Domingos, nós formamos um quarteto e estamos a frente da APA, tem outros treinadores que fazem parte, mas que toma as decisões somos nós quatro, e graças Deus as decisões que estamos tomando estão sendo acertadas, estamos crescendo enquanto instituição, enquanto pessoas, e as pessoas que estão ao nosso redor também estão se desenvolvendo, só sinto felicidade, quando eu falo da APA realmente me emociono, eu vivo pra APA, acordo 05h todos os dias, tomo meu banho, tomo meu café, 06h30 estou na porta do SESI, os atletas só entram quando eu chego e saio com a certeza do dever cumprido e quando necessitam de mim para outras coisas, por exemplo, agora mesmo quando eu cheguei eu estava cheio de tinta aqui, estou pintando as arquibancadas, vão ocorrer os jogos escolares e eu quero que estava bonito e Natanael disse: “Giva, vamos desenrolar isso aqui”, e eu disse vamos, a Iquine mandou as tintas, eu disse vamos pintar. Hoje eu tenho um salário da APA, eu, Domingos, Natanael, e Marciano, com esse projeto tem o salário da gente, não é um salário grande, mas é um salário, sou funcionário da APA, mas não é porque eu recebo esse dinheiro da APA, eu ganho para trabalhar até às 09h ou 10h da manhã, mas eu faço com maior orgulho, eu quero que os jogos escolares segunda, terça e quarta-feira sejam um sucesso, e é isso, tem que fazer, vamos fazer.

C.M. – Muito obrigado, foi ótimo te ouvir, acho que a gente tem muita coisa pra escrever depois, vai dar trabalho, mas agradeço novamente por compartilhar com a gente essa emoção de todo o trabalho, essa dedicação sua, em breve a gente te devolve o resultado.

G.S. – Eu tenho certeza que vai ficar um belo trabalho, porque é uma história muito bonita, quando começar a ouvir as histórias de Marciano, pode preparar celular pra gravar. Já ouviram Natanael?

C.M. – Não. Ainda não.

H.G. – Ele pediu para ser entrevistado na semana que vem, porque está na correria.

G.S. – Ele adaptando as coisas, porque até pra ele poder ir pra São Paulo teve que pagar uma pessoa pra trabalhar no lugar dele, é sempre se doando, tirando do seu, pra sempre fazer um pouquinho pela APA. Agora mesmo, a convocação que eu tive de quinze dias pra ir pra São Paulo, tive que pagar uma pessoa pra limpar minha piscina, que sou eu que limpo, pagar hora extra pra minha funcionária das aulas, tive que arrumar outra pessoa pra ficar no lugar da professora quando ela fosse pra faculdade, então gera custo e tempo, tive que pagar pra levar minha filha pra escola, é doação mesmo, é aquele negócio de dizerem: “você tá é doido”, mas é uma coisa que me faz feliz, eu voltei de uma competição dessa aí, volto restabelecido, renovado, eu estou com 45 anos hoje, eu tento me satisfazer nessas coisas, nessas recompensas emocionais, as materiais a gente vai tentando conseguir, mas as emocionais são muito importantes, o combustível do ser humano é a emoção.

[FINAL DA ENTREVISTA]